

*Osman Lins:
depoimento pessoal sobre a
trajetória da crítica*

Ana Luiza **Andrade**

Professora associada II da
Universidade Federal de
Santa Catarina.

andradeufsc@gmail.com

Quando me interessei pela ficção de Osman Lins ele já era um escritor admirado por um colega de trabalho, o professor Randal Johnson, da Universidade do Texas, em Austin, onde eu cursava a pós-graduação em Literatura Latino-Americana e lecionava. Se Osman Lins escrevia em jornais e também se encontrava na plenitude de seu percurso criativo, havia pouca matéria escrita sobre sua obra.

Em todo caso, na segunda metade dos anos 1970 ele morava em São Paulo. Ninguém poderia prever que apenas alguns anos depois, coincidentemente quando eu tinha começado a escrever minha dissertação de mestrado sobre o espaço geométrico em *Nove, novena*, em 1978, ele faleceria. Meu orientador, o professor Fred P. Ellison, conhecera Osman Lins e Julieta de Godoy Ladeira, segunda mulher e viúva do autor, no Rio de Janeiro.

Assim que soube de sua morte, entrei em contacto com Julieta de Godoy Ladeira para pedir-lhe algumas orientações a respeito da biblioteca de Osman, e ela, muito generosamente, colocou-me todos os seus livros, mesmo antes de inventariar sua biblioteca, à minha disposição. Esses documentos hoje se encontram divididos entre o Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP) em São Paulo e a Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro.

Julieta confiou-me a última narrativa de Osman Lins a ser traduzida para o inglês junto com meu orientador. E foi ainda ela que me colocou em contacto com a professora

Sandra Nitrini, da Universidade de São Paulo, especialista nos estudos osmanianos e hoje diretora do arquivo de Osman Lins neste instituto. Naquela ocasião, cheguei a conhecer alguns bons amigos de Osman Lins que muito me ajudaram a aprofundar-me em sua obra: João Alexandre Barbosa, José Paulo Paes, Nilo Scalzo, Wladyr Nader. E mais recentemente tenho tido mais contacto com a filha mais jovem do escritor, Angela Pereira da Costa Lins, que vive no Recife e está preparando o Instituto Cultural Osman Lins nesta cidade.

E assim se iniciaram meus percursos osmanianos. Durante os últimos quase trinta anos participei e, ao mesmo tempo, fui testemunha do surgimento de uma incipiente fortuna crítica sobre Osman Lins, e também, a partir das primeiras críticas, de algumas das diversas direções por elas tomadas até mais recentemente. Este meu depoimento nem de longe pretende esgotar as bifurcações que elas podem ter tomado, até mesmo por desconhecimento de algumas. Minha intenção aqui é apenas apontar, dentre as que me chegaram mais perto, seja por participações em bancas, seja por orientações de colegas, ou minhas, ou até por congressos e encontros, as que considero relevantes.

Um primeiro momento

Sem contar os diversos artigos em jornais da época, as primeiras publicações em livro, no que se configura hoje como uma incipiente fortuna crítica sobre Osman Lins, através dos últimos vinte e sete anos, cobriam, no ano de 1987, quando minha tese de doutorado foi publicada pela Editora Hucitec junto com a de Sandra Nitrini (*Osman Lins: criação e crítica e Poéticas em confronto: Nove, novena e o Novo Romance*), três áreas principais com relação ao que despertava de início a leitura de sua obra: 1) uma crítica que se aparenta ou se nutre definitivamente do contacto intenso que o escritor experimentou com o grupo do *Nouveau Roman* (principalmente Michel Butor) a partir de sua viagem à Europa (Sandra Nitrini e seu livro *Poéticas em confronto*). Constata-se hoje a inegável importância do *Nouveau Roman* na obra de Osman Lins, mesmo que ele possa ter rejeitado alguma relação com esta corrente literária; 2) uma crítica que confunde propositadamente a biografia do escritor com a autobiografia do autor (Regina Igel em seu *Biografia literária*), até hoje também uma obra que ajuda na compreensão dessa forte tendência autobiográfica de seus escritos; e 3) uma crítica que busca uma visão de conjunto da obra, chegando até *Avalovara* a partir da leitura de *Guerra sem testemunhas*, considerado este escrito um ensaio literário que orienta as diferentes fases na ficção do autor, ou seja, seus romances e contos (Ana Luiza Andrade, *Osman Lins: criação e crítica*).

Esses três livros – obras de maior fôlego naquela época – nortearam muitos dos que vieram depois. Além disso, com base em uma teatralização do “Retábulo de Santa Joana Carolina” por Maria José de Carvalho emergem estudos que buscam analisar as peças teatrais de Osman Lins, tais como os de Marisa Balthasar e Maria Teresa Dias. Hugo de Almeida publica a coletânea *O sopro na argila*, com artigos dos principais críticos de Osman Lins (São Paulo: Nankin, 2004).

Um segundo momento

Outro estudo importante, baseado na dissertação de mestrado de Ermelinda Ferreira, intitulada “Limite e excesso: as duas geometrias de *Avalovara*” (UFPE, 1991), vai desenvolver uma análise de maior fôlego para escrever *Cabeças compostas: a personagem feminina na narrativa de Osman Lins* (Rio de Janeiro: Ed. de Autor, 2000). Este livro, com alguns acréscimos, foi posteriormente publicado pela Editora da Universidade de São Paulo. Sua importância advém de um primeiro estudo que relaciona a literatura de Osman Lins às montagens por meio das artes plásticas.

Começa então a aparecer no Recife, por intermédio de Lauro de Oliveira, um amigo de Osman Lins que havia sido seu colega de trabalho no Banco do Brasil, uma maior divulgação do nome do escritor. Lauro de Oliveira organiza um *Diário Oficial de Pernambuco* em homenagem a Osman Lins, no qual traz à luz o nome de vários de seus críticos tanto de São Paulo como de outras partes do Brasil (junho-julho, 1998). Ivana Moura publica *Osman Lins, o matemático da prosa*, com prefácio de Lourival de Holanda (Recife: Secretaria da Cultura do Município, 2003). Ermelinda Ferreira organiza a coletânea *Vitral ao sol* (Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2004)

Em 2000, Regina Dalcastagnè publica o seu *A garganta das coisas: movimentos de Avalovara de Osman Lins* (Brasília: UnB, 2000). Odalice de Castro Silva publica o seu *A obra de arte e seu intérprete: reflexões sobre a contribuição artística de Osman Lins* (Fortaleza: UFC, 2000). Um ano antes, Marisa Simon publica o livro *As falas do silêncio em O Fiel e a Pedra de Osman Lins* (São Paulo: Humanitas, 1999).

Ao mesmo tempo, a tese de caráter enciclopédico de Leny da Silva Gomes sobre *Avalovara*, uma das teses de maior alcance já escritas sobre o romance do escritor, foi um esforço que se provou recompensado quando a autora organiza, junto com Elizabeth Hazin e Odalice de Castro Silva, *O reverso do tapete* (Porto Alegre: Uniritter, 2013), uma coletânea de ensaios sobre Osman Lins. Leny da Silva Gomes também reuniu um grupo de pesquisadores da obra de Osman Lins na Uniritter em 2013 para preparar as comemorações dos 90 anos do autor. Nessa ocasião, Martha Paz apresentou uma leitura musical inédita dos textos de Osman Lins. Além disso, as três professoras mencionadas participam do grupo de Estudos osmanianos: arquivo, obra e campo literário desde 2009, liderado pela professora Elizabeth Hazin. Neste mesmo ano, Zênia de Faria (Universidade Federal de Goiás) e Ermelinda Ferreira organizam a coletânea *Osman Lins: 85 anos – harmonia de imponderáveis* (Recife: UFPE, 2009). Na Universidade Federal de Pernambuco, Lourival de Holanda inicia um grupo de estudos sobre Osman Lins, o Sodalício Osman Lins.

É preciso acrescentar aqui as importantes comemorações dos 80 anos de Osman Lins, entre 2004 e 2005, das quais participei, tanto naquela organizada por Sandra Nitrini na Universidade de São Paulo (novembro, 2004) quanto na da Universidade de Santa Catarina (setembro, 2004), organizada por mim. Ele também foi homenageado na Universidade

Federal de Pernambuco (julho, 2004). As coletâneas *Vitral ao sol* (org. Ermelinda Araújo) e *O sopro na argila* (org. Hugo de Almeida) foram lançadas nesta ocasião junto com o *Dossiê Osman Lins, 80 anos, arte e literatura*, organizado por mim, tendo este sido lançado na revista *Outra Travessia*, número 4, no primeiro semestre de 2005, como resultado das apresentações dos trabalhos do evento. Considero este um dos números de maior qualidade da revista e seleciono três artigos como leituras de peso no que se refere à crítica osmaniana: 1) “Osman Lins educador”, de Wladimir Garcia (UFSC), que percebe que tanto para o educador em Lins como em Nietzsche a questão é educar contra o nosso tempo; 2) “Labirintos da biblioteca do pobre”, de Raul Antelo (UFSC), que se refere inclusive a um reconhecimento de que o escritor se situa no mundo como resultado de sua relação com a literatura (como Lima Barreto ou Roberto Arlt) e 3) “Palíndromo incerto”, de Marta Martins (Udesc), este último, ao colocar a literatura e a arte frente a frente, mostra o artista Tunga em sua relação palíndroma com o escritor Osman Lins. Pode-se ler no texto de Marta um palíndromo narrativo que nasce da arte de Tunga e uma arte que morre e renasce da escrita em Osman Lins. Além disso, orientandos que tive, como Ana Luísa Kaminski Khon, Ana Julia Poletto e Cristiano Moreira (este atualmente a caminho do doutorado), dão continuidade a um projeto de pesquisa de leituras benjaminianas de Osman Lins que acompanha meu trajeto acadêmico na Universidade Federal de Santa Catarina, agora bem mais voltado ao olhar artístico e, mais especificamente, barroco e latino-americano.

Um terceiro momento: os 90 anos

No ano de 2013, Elizabeth Hazin organizou um evento para preparar as homenagens dos 40 anos de publicação de *Avalovara*, buscando reunir professores e alunos da pós-graduação e os pesquisadores mais antigos na UnB, visando a uma atualização da pesquisa. Além de dar a conhecer o seu Grupo de Estudos Osmanianos, destaco neste encontro a bela apresentação de Piero Eyben, professor da UnB, e a conferência do professor visitante Roberto Vecchi, da Universidade de Bologna. Esta se destacou por sua forte formação teórica, ao ler em *A rainha dos cárceres da Grécia* uma escrita “claustrosófica”, “política”, constituindo-se com base em um sutil jogo de forças no qual a exceção se permuta na fixação de uma regra própria. Para mim, abre-se aqui um novo estágio na crítica osmaniana, com relação à busca de um pensamento teórico que, de fato, sempre permeou o pensamento do escritor. Com efeito, a meu ver, os pesquisadores que se destacaram naquele momento chamaram a atenção para um Osman Lins teórico, e, para ser mais precisa, um escritor que inventa sua própria teoria à medida que avança em seu percurso ficcional.

Chamo a atenção para a publicação de uma edição trilingue de “Domingo de Páscoa”, organizada por mim e lançada pela Editora da Universidade Federal de Santa Catarina em 2013. Esta última narrativa escrita por Osman Lins ou “novela”, como ele a definiu, foi publicada pela primeira vez na revista *Status*, n. 47, em abril de 1978, três meses antes de

ele falecer. Em 1982 foi traduzida para o inglês por mim e por aquele que era então meu orientador e amigo de Osman Lins, Fred P. Ellison. Esta nova forma de livro (a de 2013), além de ser uma reedição de “Domingo de Páscoa”, conta com o acréscimo de alguns estudos sobre a narrativa, o comentário da tradutora para o espanhol e crítica especializada na obra osmaniana Graciela Cariello (Universidad de Rosario) e a introdução original à primeira tradução para o inglês, de 1982, de Julieta de Godoy Ladeira: “Fases da obra/mistérios” ou “Hidden facets in the work of Osman Lins”. É preciso também anotar o trabalho comparativo entre Osman Lins e Jorge Luis Borges de Graciela Cariello (*Jorge Luis Borges y Osman Lins: poética de la lectura*. Rosario: Laborde, 2007), tradutora e pesquisadora da obra osmaniana desde o primeiro momento crítico.

Ainda com relação às traduções, a tradutora para o inglês de *Nove, novena* (*Nine, novena*, 1995) e *Rainha dos cárceres da Grécia* (*The queen of prisons of Greece*, 1995), Adria Frizzi, também organizou boa parte de um número da revista *The Review of Contemporary Fiction* (*Dalkey Archive Press*, v. 15, n. 3, outono de 1995) com alguns artigos sobre o autor e alguns trechos de sua obra por ela traduzidos para o inglês. Para completar esta terceira fase, ainda em curso, Elizabeth Hazin organizou recentemente duas coletâneas de ensaios sobre Osman Lins: uma intitulada *O nó dos laços – ensaios sobre Osman Lins* (Brasília: UnB, 2013) e outra reunindo os trabalhos do evento de Brasília intitulada *Linscritura: Limiares da escrita osmaniana* (Rio de Janeiro: Vieira & Lent Casa Editorial, 2014).

Recentemente participei de duas bancas de doutorado sobre o autor: a de Renata Rocha Ribeiro e a de Ernani Fritoli, ambas as leituras com contribuições importantes a pesquisas que parecem continuamente desestabilizar a posição do escritor pernambucano no contexto da literatura brasileira. A tese de Renata Rocha Ribeiro (Universidade Federal de Goiânia) teve a orientação de uma estudiosa de Osman Lins, Zênia de Faria. Esta tese contém o que Roberto Vecchi observa – que em *A rainha dos cárceres da Grécia* “A conjugação de ler e escrever se condensa numa forma particular de fragmento (textual): a citação [...]” a uma alta potência. A tese de Fritoli (USP) retoma, apropriadamente, num trabalho comparativo bem estruturado com Italo Calvino, uma poética racionalista em Osman Lins, seus jogos matemáticos e sua geometria.

Vecchi observa que o trabalho acadêmico de Osman Lins sobre o espaço romanesco em Lima Barreto, que depois se tornou livro,

[...] era também pautado por um conjunto de fraturas que o tornavam excêntrico, tanto em relação ao anticânone do autor a que se referia como à sondagem sobre as modernidades em jogo dentro e além do Modernismo hegemônico: algo de surpreendente que antecipava a revisão do Modernismo que seria empreendida na década seguinte.

Há, portanto, em Osman Lins um saber anacrônico que atua junto com uma memória do inacabado. Essa memória do não acabado, comum a Flávio de Carvalho, a Gilberto Freyre e a alguns artistas nordestinos (tais como Francisco Brennand, Ariano Suassuna, João Cabral de Melo Neto, Cicero Dias, Vicente do Rego Monteiro), que poderiam ser considerados figuras anacrônicas do Modernismo, é a mesma que leva o artista, principalmente o artista latino, a transgredir pelo primitivismo e pelo arcaico, a não representar um determinado passado, mas sim a colocá-lo num presente que o questiona e recomeça a todo instante. Esta recolocação, enfim, é o que tende a renová-lo num contexto modernista, como os artistas aqui mencionados. É o que, inversamente, prepararia um renascimento literário pós-modernista por meio de um contexto mais amplo, fazendo-o ressignificar esse passado no ritmo desigual da modernização.¹ Dentro desta chave buscamos compreender Osman Lins em três eventos comemorativos aos seus 90 anos: na Universidade de Santa Catarina (maio de 2014), na Universidade de Brasília (setembro de 2014) e na Universidade de São Paulo (outubro de 2014).

1 | GIUCCI, Guillermo. Gilberto Freyre e o pós-modernismo. *Gilberto Freyre em quatro tempos*. KOSMINSKY, Ethel Volffson et alii (Org.). São Paulo: EDUSC, 2003. p.361-375.

Meu percurso, de 1987 a 2014

Como as pesquisas acadêmicas se definem por uma constante revisão de posicionamentos críticos, e principalmente de leituras, pois nossas bibliotecas se transformam e se reordenam a cada novo olhar ou perspectiva que se abre por meio das leituras que nos constroem, achei-me no dever de registrar aqui as principais transformações em relação à minha leitura de Osman Lins ao longo desses anos. Vejo hoje que meu livro *Osman Lins: crítica e criação* (Hucitec, 1987) cumpre ainda uma função de lançar um olhar de conjunto, um primeiro olhar para o iniciante na leitura de Osman Lins ao tratar de entrelaçar seus textos entre si, foi relançado recentemente pela editora Appris. No entanto, preciso dizer que agora ser pesquisadora dos escritos de Osman Lins já não me satisfaz. Escrevi este livro como tese de doutorado em 1983, e a análise literária dos textos de Osman Lins por mim empreendida baseava-se em um *close reading*, o que hoje me faz valorizar a análise textual para uma leitura compreensiva de fato, o que então foi feito com base nas estruturas, nos gestos e nas fases apontadas em *Guerra sem testemunhas*, e que ainda considero útil aos que começam a se familiarizar com os textos osmanianos, mas que deixa muitas perguntas no ar. Evidentemente o questionamento é uma importante mola propulsora na literatura, e foi então que minhas leituras benjaminianas me ajudaram a desenvolvê-lo.

Tratou-se então de resgatar o potencial de *Os gestos*, ao verificar que, na verdade, essas narrativas já teorizam sobre o gesto ritual e o gesto vivo de que fala o escritor em *Guerra sem testemunhas*. Na realidade, nesta época os efeitos de meus estudos da filosofia de Walter Benjamin começaram a produzir resultados significantes. Em 2002 eu era a líder do Núcleo de Estudos Benjaminianos na Universidade Federal de Santa Catarina e havia traduzido um livro de Susan Buck-Morss sobre a dialética do olhar e as passagens benjaminianas (*Dialética*

do olhar: Walter Benjamin e o Projeto das Passagens. Editora de Chapecó/ UFMG, 2002). No estudo “Reciclando o engenho: Osman Lins e as constelações de um gesto épico” (*O sopro na argila*. Org. Hugo de Almeida, Nankin, 2004) busco compreender o gesto épico de Osman Lins retomando os “gestos” ficcionais conforme já estava programado em *Guerra sem testemunhas*. Mas, à luz das leituras benjaminianas, ocorre um importante distanciamento crítico brechtiano que acaba por redimensionar um espaço cênico num espaço coletivo, de massa. Observo, a partir daí, uma *refuncionalização dos tableaux*, que, ao se mostrarem na forma de *retábulo medieval*, por exemplo, efetivam uma mobilização temporal e espacial que vai do teatro (*tableaux vivants*) ao cinema: o movimento nas telas e uma coletividade que agora é público espectador. Isso também aparece claramente em *Lisbela e o prisioneiro*. Por meio desse gesto moderno de reciclagem, Osman Lins transforma as antigas formas épicas, tornando-as muito atuais, mas ele o faz justamente no ato de voltar às origens mais arcaicas da *gesta*. Descobre-se então que o barro do antigo engenho nordestino, há muito de *fogo morto*, é capaz de engendrar novas formas. Portanto, trata-se de um gesto épico de Osman Lins de volta às raízes, mas esse gesto traz um distanciamento crítico e, ao mesmo tempo, uma renovação quando o passado ao qual ele se refere também não é mais aquele, mas outro. Em meu estudo “O oco do barro/co: contra-arquiteturas” (*No reverso do tapete: a escritura de Osman Lins*, Org. Leny da Silva Gomes, Elizabeth Hazin, Odalice de Castro Silva, Uniritter, 2013) examino o potencial desse gesto ritual, ou o gesto vazio de sentido, como ele o definiu em *Guerra sem testemunhas*, mas agora como gesto contra-arquitetural que coloca em questão as identidades periféricas. Assim, os insetos de “Noivado” na contaminação de outros espaços, surgindo de dentro do próprio corpo de Mendonça e invadindo as entrelinhas do texto, forçando investidas no seu trabalho de “ocar”, provocam vazios na memória com enorme força desterritorializadora. Esse gesto de investir “contra” a própria memória lembra o do “tugur” do cubano Antonio Jose Ponte (“Un arte de hacer ruinas”) ou a ação do cupim de João Cabral: os insetos de Lins têm esse poder equivalente do gesto contra-arquitetural barroco do escritor latino-americano. Não surpreende que Marta Martins perceba em Osman Lins um desejo comum ao de Tunga, formulado coincidentemente por Bataille: “A aproximação ao gesto primitivo da transgressão em que a arte e o jogo se colocam como contrapartida da lei de sobrevivência”.² Seja como for, o gesto osmaniano de cortar, herdado ou não de seu pai alfaiate, sobrevive nas extraordinárias montagens alegóricas de *Avalovara*, assim como na *Rainha*, como gesto residual constitutivo da manufatura do livro, esta “coisa” construída que habita um espaço no mundo.

2 | MARTINS, Marta. *Narrativas ficcionais de Tunga*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2013. p. 79.

